

Trabalho docente no Instituto Federal de São Paulo no contexto da pandemia de Covid-19

Liliane Bordignon de Souza

Resumo

Apresentamos, nesse artigo, uma análise da organização e das condições do trabalho docente no Instituto Federal de São Paulo durante o primeiro momento da pandemia de Covid-19 (março a julho de 2020). Para tanto, recorremos a dados levantados por meio de questionário e sistematizados no relatório de pesquisa sobre o trabalho no IFSP, produzido pelo SINASEFE-SP. Observamos que, antes mesmo da retomada do calendário letivo pela instituição, os(as) docentes já sinalizavam que não possuíam as condições adequadas para o exercício do trabalho; que faltavam instrumentos e ergonomia; que a pandemia provocou um embaralhamento entre atividades profissionais e domésticas; que intensificou e estensificou o trabalho; e que tem provocado sofrimento psíquico. As mulheres foram as mais afetadas por esse processo. Os dados revelam que as condições de trabalho dos(as) professores(as) no contexto da pandemia são bastante precárias, o que têm afetado a qualidade do trabalho e do ensino, demonstrando os limites do trabalho remoto.

Palavras-chave: Trabalho e educação. Trabalho docente. Pandemia de Covid-19.

I Introdução

No mês de março de 2020, as escolas brasileiras, os(as) professores(as) e estudantes viram-se diante de três dilemas básicos: como preservar a vida sem interromper o ensino sistemático? Como é possível garantir o ensino regular remotamente a todos e todas? Ensino remoto é ensino sistemático? A escola pública (da educação infantil ao ensino superior), enquanto instituição que agrega um conjunto diversos de trabalhadores(as) e estudantes na sociedade brasileira, foi essencial no início da pandemia para conter a crise social, especialmente pela organização da distribuição de



Direito autoral e licença de uso: Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

cestas básicas, Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) (máscaras e álcool gel) e distribuição de livros e outros materiais didáticos¹. Além disso, foram feitas arrecadações de dinheiro, alimentos, produtos de higiene etc. para famílias de estudantes que ficaram sem recursos devido ao isolamento obrigatório². No entanto, a questão que colocamos aqui é: o que aconteceu com o trabalho dos(as) professores(as) nesse primeiro momento da pandemia? O ensino sistemático parou por alguns meses, inclusive em escolas privadas, dando lugar a um processo de reorganização da vida no espaço público e privado. As famílias se viram, pela primeira vez, obrigadas a trabalhar e conviver com as crianças e os(as) jovens o dia todo em casa, sem o apoio do Estado. Além disso, elas puderam perceber, de diferentes maneiras, as consequências da desinstitucionalização da infância e da juventude: o que fazer com essa energia criadora no interior de residências pequenas e inapropriadas para abrigar diferentes gerações sem experiência de convivência tão intensa? Nesse contexto de tensões, o ensino remoto e as atividades remotas, em geral, apareceram como a panaceia da pandemia. O mundo virtual pela tela, cujo uso excessivo por crianças e jovens é tão questionado na sociedade³, tornou-se também o lugar da escola. Buscando oferecer contribuições para o debate sobre educação e trabalho em um contexto de excepcionalidade, apresentamos a seguir uma análise da organização e das condições do trabalho docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnológica de São Paulo (IFSP)⁴ durante o primeiro momento⁵

1 Exemplos de prefeituras e estados que utilizaram as escolas como meio de oferecer assistência social às famílias podem ser encontrados em reportagem publicada no jornal Folha de São Paulo em 09 de abril de 2020, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/alunos-recebem-refeicao-diaria-cestas-basicas-e-vouchers-como-merenda.shtml>. O Instituto Federal de São Paulo também realizou a distribuição de cestas básicas e EPIs.

2 A Medida Provisória (MP) nº 934, de abril de 2020, convertida na Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, estabeleceu normas de excepcionalidade para os calendários da educação básica e da educação superior em função do estado de calamidade pública provocado da pandemia, desobrigando os sistemas e as escolas dos 200 dias letivos, mas mantendo a obrigatoriedade das 800 horas/aula anuais. Após a MP, o CNE emitiu, em 04 de maio, o Parecer nº 5/2020, no qual “reconhece as fragilidades e desigualdades estruturais da sociedade brasileira, que agravam o cenário decorrente da pandemia” e aponta recomendações.

3 A Organização Mundial da Saúde (OMS) incluiu o “vício em games” ou “distúrbio de games” na 11ª Classificação Internacional de Doenças (CID), problema bastante presente em crianças e jovens em idade escolar.

4 Doravante Instituto Federal de São Paulo ou IFSP.

5 Denominaremos, neste texto, como “primeiro momento da pandemia” os meses de março a agosto de 2020, ocasião em que o IFSP suspendeu o calendário letivo, retomado em 10 de agosto de 2020.

da pandemia de Covid-19, entre março e agosto de 2020. Os dados analisados são decorrentes do Relatório de pesquisa sobre o trabalho no IFSP, produzido pela Seção de São Paulo do Sindicato Nacional de Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica (SINASEFE)⁶ em parceria com as autoras desse artigo⁷. Dessa forma, procuramos apresentar as principais dificuldades e os desafios vivenciados pelos(as) professores(as) e os limites colocados ao ensino realizado por meio do das tecnologias da informação e comunicação.

2 O trabalho docente no ensino remoto

Após a suspensão das atividades presenciais no IFSP, os(as) professores(as) da instituição tiveram as aulas suspensas por um período de aproximadamente quatro meses e permaneceram realizando as demais atividades relativas ao trabalho docente, como planejamento, formação e atividades administrativas, mediadas pela internet. Durante esse primeiro período de enfrentamento da pandemia, o SINASEFE-SP organizou uma enquête respondida por 143 trabalhadores(as) – docentes e técnicos(as) – sobre as condições de trabalho no contexto da pandemia de Covid-19. Além disso, o sindicato produziu nota técnica e orientações⁸ para o contexto do trabalho remoto e vem produzindo outras pesquisas sobre a situação de trabalhadores(as) durante a pandemia, procurando reunir dados que fundamentem suas propostas e ações sindicais. Observamos que um

6 Doravante SINASEFE-SP.

7 Em maio de 2020, a Seção SP do SINASEFE lançou, para ampla concorrência, um Edital para contratação de pesquisadores para analisarem dados coletados sobre as condições de trabalho de docentes e técnico-administrativos do IFSP. As autoras deste artigo foram selecionadas e contratadas para a realização do trabalho e o relatório divulgado ao público em dezembro de 2020, o qual pode ser acessado em: <https://sinasefesp.org.br/respondaoquestionario-segunda-etapa-da-pesquisa-condicoes-de-trabalho-no-ifsp-em-tempos-de-covid-19/>.

8 A Nota Conjunta da Coordenação Funcional e Comissão de Mobilização e Greve. 02/04/2020. Análise de conjuntura da Coordenação Funcional e Comissão de Mobilização mediante avanço da pandemia Covid-19 (Coronavírus), pode ser acessada em: <https://sinasefesp.org.br/nota-conjunta-da-coordenacao-funcional-e-comissao-demobilizacao-e-greve/?hilito=%27Nota%27%2C%27tecnica%27>; o Parecer Jurídico SINASEFE Nacional de 04 de junho de 2020, sobre o conteúdo da Lei Complementar nº 173, de 27/05/2020, encontra-se disponível em: <https://sinasefesp.org.br/nota-publica-apesar-de-inumeros-ataques-lc-173-nao-congela-progressoes-e-promocoes/?hilito=%27Nota%27%2C%27tecnica%27>. Ver, também, condições de trabalho no IFSP em tempos de pandemia Covid: <https://sinasefesp.org.br/condicoes-de-trabalho-no-ifsp-em-tempos-de-pandemia-covid-19/?hilito=%27canal%27%2C%27den%C3%BAncia%27%2C%27situa%C3%A7%C3%B5es%27%2C%27ass%C3%A9dio%27%2C%27no%27%2C%27trabalho%27>.

novo modo de trabalhar se estabeleceu na instituição, colocando exigências completamente diferentes aos(as) trabalhadores(as) envolvidos. A realização do trabalho remoto em casa ordenou uma nova rotina em relação à família e ao trabalho profissional, principalmente para o trabalho docente, que implica em atendimento constante ao público e aulas. Nessa nova dinâmica, o trabalho profissional e doméstico embaralhara-se e as mulheres foram as mais fortemente atingidas, pois foram submetidas a intensificação dos ritmos e a sobrecarga, como mostram dados apresentados a seguir.

A primeira enquête realizada pelo SINASEFE-SP contou com a participação de 3% do universo de trabalhadores(as) docentes e técnicos(as), que responderam a um questionário com 26 perguntas abertas e fechadas. A quantidade de respondentes é pequena em relação ao universo; no entanto, a quantidade de resposta possibilitou a construção de um panorama sobre a situação de parte dos(as) trabalhadores(as). Dentre os(as) respondentes, 54% eram mulheres, ainda que a maioria dos(as) trabalhadores(as) do IFSP seja homem (SUAP, 2020)⁹; participaram 94 docentes (88 efetivos e 6 substitutos) e 49 técnico-administrativos. De acordo com dados do Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP, 2020), o IFSP possuía 3.215 docentes e 2.053 técnico-administrativos, totalizando 5.258 trabalhadores(as). A maioria possuía jornada de trabalho integral (40 horas) e era formada em nível superior, de acordo com o *Relatório de Pesquisa do SINASEFE-SP* (2020). Os dados do Censo da Educação Superior (2018) mostram que a maioria dos(as) docentes do IFSP é homem, branco (80%) e jovem (menos de 40 anos). No caso dos(as) trabalhadores(as) técnico-administrativos(as) a configuração é bastante semelhante, mas não trataremos dos dados dos(as) técnicos(as) nesse trabalho.

Os(As) docentes que responderam à pesquisa trabalham em diferentes níveis e modalidades de ensino: cursos técnicos de nível médio (concomitante, subsequente ou integrado), modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), cursos superiores (graduação e pós-graduação). Isso torna o cotidiano de trabalho de cada um(a) muito diversificado. Além

9 Segundo os dados do Censo da Educação Superior (2018) havia, entre os(as) docentes, 1.491 homens e 719 mulheres. Entre os(as) técnicos(as), são 2.053 trabalhadores(as) no total, segundo dados do SUAP (2020); no entanto, não foi possível saber a divisão entre homens e mulheres.

disso, há as atividades de pesquisa e extensão. Como colocado anteriormente, nos primeiros meses (março a julho) os(as) docentes consultados(as) não trabalharam com aulas. Os dados mostram que eles(as) realizaram, sobretudo, atendimento individual aos (às) estudantes, conferências, pesquisas e atividades administrativas. Alguns(algumas) dos(as) docentes informaram que trabalharam presencialmente na instituição somente para distribuição de cestas básicas e EPIs contra a Covid-19.

A maioria dos(as) docentes efetivos(as) (88) consideravam os instrumentos de trabalho que possuíam em casa “parcialmente adequado” ou “parcial e totalmente inadequados” (67%) ao exercício do trabalho. As mulheres foram as que mais consideraram os instrumentos que possuíam como inadequados. Os(as) trabalhadores(as) apontam que o acesso e a instabilidade a internet banda larga é um dos maiores problemas enfrentados no trabalho remoto. Associado a isso, está o compartilhamento dos equipamentos (computadores, celulares, tablets etc.), assim como os espaços residenciais (escritório, salas etc.) com outros membros da família que estão em *home office* ou crianças e jovens em atividade escolar remota. Com isso, as esferas privada e profissional se misturaram, desencadeando problemas materiais e psíquicos para o exercício do trabalho, principalmente para as mulheres que são mães de crianças pequenas. Nesse aspecto, uma das preocupações levantadas pelos(as) docentes consultados(as) é ausência do espaço privado de descanso e lazer representado pela casa no contexto ordinário, ou seja, “tudo virou trabalho”.

No início da pandemia, os(as) professores(as) continuaram realizando o Plano Individual de Trabalho (PIT) obrigatório, e reorganizaram as propostas de ensino, adaptando-as para o ambiente virtual; atenderam individualmente os(as) estudantes; realizaram atividades pelo Moodle¹⁰; reelaboraram as propostas de estágio e monitoria; orientaram trabalhos de pesquisa; realizaram palestras; e campanha contra a propagação do novo coronavírus. Na concepção dos(as) docentes consultados(as), o trabalho

10 O Moodle – Modular Object Oriented Dynamic Learning Environment – é um sistema de código aberto para a criação de cursos on-line. Também conhecido como Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), a plataforma é utilizada por alunos(as) e professores(as) como ferramenta de apoio ao ensino a distância. Funciona como uma sala de aula on-line onde professores(as) podem disponibilizar material didático e propor tarefas interativas, como testes e discussões em fóruns.

remoto realizado era emergencial e provisório. Naquele momento da pandemia, ainda havia a expectativa de retorno das aulas presenciais e da “normalidade” no segundo semestre de 2020, o que não se mostrou possível com o passar do tempo.

Para esses(as) docentes, o trabalho de ensinar é eminentemente relacional o que os(as) impede de realizá-lo remotamente de forma plena, como percebemos nas respostas apresentadas a seguir:

Nada substitui a interação no processo ensino aprendizagem (Professora).

O que temos feito é adaptar trabalhos presenciais para o modelo a distância, que não é a mesma coisa (Professor).

Não há igualdade no atendimento aos estudantes, que mal conseguem acessar a internet com qualidade para poderem assistir as aulas (Professor). (SINASEFE-SP, 2020, p. ?).

Muito(as) estudantes do IFSP não têm as condições e os instrumentos adequados de acesso à internet, o que os(as) impede de realizar as atividades e progredir nos estudos, frustrando os esforços dos(as) docentes. E a ausência de estudantes desestimula os(as) professores(as), que se sentem realizando as atividades sozinhos(as) e percebem a falta de engajamento no ambiente virtual.

O trabalho remoto intensificou os ritmos, aumentando o cansaço físico e, sobretudo, mental dos(as) docentes. Trabalhar virtualmente é uma novidade e muitos(as) deles(as) tiveram que aprender a manipular equipamentos e softwares muito rapidamente para atender às demandas da instituição. Isso associado à situação limite que a pandemia colocou a todos gerou estresse e ansiedade nos(as) professores(as). Eles(as) avaliam que uma parte das atividades que realizam não é adequada ao formato remoto, o que gera bastante descontentamento em relação aos efeitos e resultados na comunidade escolar. Um dos exemplos mais citados é a ausência de laboratórios e materiais didáticos apropriados ao ensino sistemático.

É interessante observar que há muita confusão nos depoimentos dos(as) professores(as) entre a definição de “ensino remoto” e “educação a

distância”¹¹. O IFSP oferece a modalidade EAD em cursos de graduação, pós-graduação e extensão por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), do Moodle. Assim, a instituição já tinha algum acúmulo de experiência e material no desenvolvimento da EAD. Entretanto, ensino remoto não é sinônimo de ensino a distância¹²; nesse último caso, os cursos, os(as) docentes e tutores, as plataformas de ensino, os processos seletivos etc. são previamente planejados para o modelo virtual. No caso do ensino remoto, trata-se de um formato provisório de manutenção do calendário letivo diante da necessidade de distanciamento social. A maior parte dos(as) professores(as) consultados(as) se manifestou contrária à substituição completa do ensino presencial pelo formato utilizado na educação a distância. No entanto, alguns(algumas) docentes se manifestaram favoráveis à utilização de ferramentas virtuais de aprendizagem e, também, à realização de reuniões administrativas virtuais.

O ensino remoto e as orientações que conduzem a organização do trabalho docente no IFSP no contexto da pandemia produziram novas demandas aos(as) trabalhadores(as), que intensificaram os ritmos de trabalho. Eles(as) afirmaram sentir exaustão e dificuldade para realizar as atividades. No entanto, não se sentiam diretamente pressionados(as) ou coagidos(as) pela chefia imediata ou pelos(as) colegas a aumentarem a produtividade. Alguns(algumas) deles(as) se sentiam ocasionalmente pressionados(as) a depender da situação, principalmente as mulheres. Em geral, havia uma autocobrança para responderem, de forma adequada, às demandas de trabalho em um contexto de exceção. Nas palavras de um dos docentes consultados: “[...] acredito que a pressão e cobrança para executar meu trabalho com qualidade vem de mim mesmo, principalmente devido à preocupação com os alunos” (SINASEFE-SP, 2020, p. 39).

A maioria dos(as) docentes (80%) se sentiu ouvido(a) e representado(a) pelas decisões administrativas tomadas pelos colegiados do IFSP no primeiro momento da pandemia. Eles(as) se sentiram frequentemente consultados(as) sobre as decisões administrativas, demonstrando,

11 A EAD é regulamentada pelo Decreto nº 9.057 de 25 de maio de 2017, que define o art. nº 80 da Lei nº 9.394/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

12 Mais informações em Minto, 2020.

nesse caso, a prevalência do diálogo entre as diferentes esferas (docentes, técnicos(as) e estudantes). No entanto, os(as) docentes mostram, em seus depoimentos, que essa sensação de representatividade está vinculada à socialização das informações sobre decisões tomadas nos colegiados e não a uma consulta mais direta à comunidade escolar. É preciso ressaltar que uma parte dos(as) docentes critica a gestão do IFSP, não se sentindo representado(a), como demonstra o seguinte relato: “não estamos sendo consultados e não contamos com representação nas instâncias que estão deliberando sobre a crise” (SINASEFE-SP, 2020, p. 49). Considerando os elementos contraditórios, seria necessário explorar melhor essa questão em outras pesquisas.

O que importa considerar aqui, para além do fato de os(as) professores(as) se sentirem representados(as), é que 82% avaliou como positiva a suspensão do calendário escolar em um primeiro momento. Ainda assim, a pesquisa mostra que a situação gerou muita insegurança nos(as) docentes, que temem não ter o respaldo necessário da instituição quando as aulas forem retomadas presencialmente, como podemos perceber no depoimento de uma das professoras:

A situação é nova para todos. Penso que não é possível qualificar uma medida mais ou menos adequada. A questão positiva é, a meu ver, manter o vínculo com os estudantes e a saúde mental neste processo todo. Mas é extremamente preocupante a questão daqueles que não conseguem acessar as tecnologias para manter o vínculo. (SINASEFE-SP, 2020, p. 51).

O uso de tecnologias da informação e comunicação para a realização do trabalho docente também colocou novas questões para a análise do controle do trabalho. Observamos que, mesmo sabendo que o ambiente virtual oferece mais ferramentas de controle em tempo real do trabalho docente, os(as) professores(as) não se sentem mais vigiados(as) ou pressionados(as) em relação ao presencial. Os(as) trabalhadores(as) parecem ter naturalizado determinadas formas de controle do trabalho por meio de plataformas educativas, o que muitas vezes pode colocá-los(as) em situação de competição com os(as) colegas e/ou como responsáveis únicos pelo seu desempenho profissional. As novas dinâmicas colocadas pelas tecnologias parecem prender os(as) trabalhadores(as) à sua lógica, como sugere Danièle Linhart (2007, p. 227), cujo estudo analisa as mudanças no trabalho na França:

A utilização de tecnologias informatizadas cada vez mais sofisticadas também influi, à sua maneira, sobre a natureza do trabalho. A famosa revolução informacional tece uma trama que prende todos os assalariados em sua lógica, designando-lhes tarefas novas que, muitas vezes, modificam a natureza de sua intervenção e das relações que mantêm entre eles.

Nesse sentido, levantamos a hipótese de que muitos(as) dos(as) jovens professores(as) do ensino técnico e tecnológico já organizam seu tempo de trabalho e tempo livre em consonância com uma “cultura da produtividade”, competitiva e individualizante. O controle do trabalho nas plataformas digitais se assemelha ao controle da informação nas redes sociais, não causando muito estranhamento. Seria preciso aprofundar esse debate e a coleta de dados junto aos(as) professores(as) participantes para oferecer mais elementos para a análise sobre aproximação entre tempo de trabalho e tempo livre.

3 As desigualdades de gênero no trabalho docente

O acesso das mulheres a postos de trabalho valorizados e mais bem remunerados na sociedade é considerado um avanço que foi conquistado no século XX (GUIMARÃES; BRITO, 2017). A presença das mulheres como docentes de cursos técnicos e tecnológicos é parte desse movimento no Brasil. Elas ainda não ocupam a metade das vagas de docentes, mas se fazem presentes no IFSP e recebem salários muito maiores do que a média salarial das mulheres brasileiras¹³. A partir dos dados da pesquisa, observamos que, para realizar o trabalho docente, as mulheres delegam o trabalho doméstico e de cuidados a outras mulheres, na família ou por meio de contrato de trabalho (faxineiras, babás, cuidadoras etc.). Nessas famílias em que prevalece a divisão desigual do trabalho doméstico, um dos privilégios fundamentais dos homens é a desobrigação desse tipo de trabalho, usufruindo, muitas vezes, dos cuidados realizados por mulheres

13 O salário inicial de uma docente com doutorado, no IFSP é de aproximadamente R\$ 9.000,00, em 2020, enquanto a maioria das mulheres que compõem a População Economicamente Ativa (PEA) recebe de um a dois salários-mínimos, o que equivalia, em 2020, a cerca de R\$ 1.900,00. Portanto, estamos tratando aqui de profissionais com salários altos comparativamente. Para maiores informações sobre as médias salariais da população, consulte a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral (IBGE, 2020).

no contexto conjugal ou mãe, avós, tias mais velhas, mais pobres e debilitadas¹⁴ (FALQUET, 2017).

A dinâmica doméstica é apresentada como a maior dificuldade enfrentada no trabalho remoto pelas mulheres docentes. O trabalho doméstico, cuidado com crianças e idosos se somam ao trabalho profissional no contexto da casa, e as mulheres se mostraram as mais sobrecarregadas, assumindo a maior parte das tarefas. Para os homens, o barulho, a atenção com os filhos e o convívio familiar também aparecem como barreiras para o trabalho remoto; no entanto, eles demonstram ser menos afetados pelo trabalho doméstico e de cuidados. São poucos os(as) docentes (mulheres e homens) que já não enfrentavam dificuldades para o exercício do trabalho antes mesmo do estabelecimento das aulas remotas no IFSP, no segundo semestre de 2020.

Quando questionados(as) sobre a capacidade de conciliação entre trabalho profissional e doméstico, as mulheres foram as mais críticas, visto que aproximadamente 57% consideram as condições parcialmente e totalmente inadequadas ou preferiram não se manifestar, posicionando-se como neutras (nem adequada, nem inadequada). O depoimento a seguir revela a situação vivenciada pelas mulheres:

Não é possível cobrar a mesma disponibilidade do docente, uma vez que em casa estou somando funções de professora e mãe. Além disso, outras alternativas que facilitam a vida corrida da gente como os restaurantes estão indisponíveis. Soma-se uma jornada tripla, cuidados com a casa, com os filhos pequenos e com a docência em tempo integral e sem a rede de apoio que geralmente é composta pelos avós. (SINASEFE-SP, 2020, p. 26).

Na pesquisa, elas se mostraram as principais responsáveis pelo trabalho doméstico e de cuidado, quando compartilhavam as tarefas o faziam, principalmente, com outras mulheres da família ou profissionais dos serviços domésticos ou de cuidados. Observamos a manifestação dessa sobrecarga de trabalho nos depoimentos apresentados pelas docentes, as quais, muitas vezes, se sentem impedidas de realizar o trabalho como desejam.

14 "Observa-se que, embora a maioria das mulheres passou a ter menos filhos, o número de pessoas idosas, dependentes ou doentes sob sua responsabilidade cresce muito rapidamente" (FALQUET, 2017, p. 45).

As crianças estão sempre solicitando nossa atenção e cuidado, o que dificulta a concentração e a necessidade de tempo prolongado, especialmente para atividades que exigem produção intelectual. Durante o dia, o trabalho é desenvolvido com interrupções frequentes, o que intensifica seu processo e dificulta o acompanhamento das reflexões, discussões e até deliberações frequentemente por WhatsApp. Inúmeros grupos foram criados para dar conta do trabalho. Somente no período noturno, após as 22h/23h, quando as crianças dormem, que é possível estar em um ambiente tranquilo e propício à leitura e à escrita de trabalhos e atividades. No entanto, esse período mostra-se inadequado, pois já estou cansada e esgotada. As atividades produtivas e reprodutivas ficam se alternando, num corre-corre incessante de cuidar, alimentar, produzir, limpar, acompanhar as notícias, deliberações e não enlouquecer. (SINASEFE-SP, 2020, p. 26).

O “corre-corre incessante” tem tornado as condições de vida e trabalho das mulheres penosas. A divisão assimétrica do trabalho doméstico parece inviabilizar o trabalho profissional, constantemente interrompido por demandas da casa e/ou da família, comprometendo a carreira¹⁵ e a saúde mental das mulheres. A sobrecarga das mulheres não é uma novidade, como nos mostra Danièle Kergoat (2017) no trecho exposto a seguir, quando argumenta que a casa e o cuidado são trabalhos exercidos historicamente pelas mulheres. A pandemia apenas exacerbou essa característica.

O trabalho foi redefinido e mudou de estatuto: de uma simples produção de objetos, de bens, ele se transformou no que alguns chamam de “produção do viver em sociedade” (GODELIER, 1984; HIRATA; ZARIFIAN, 2000) [...]. Embora tal definição de trabalho confira dignidade tanto ao trabalho doméstico gratuito como ao trabalho remunerado e, mais amplamente, ao trabalho do cuidado, é indispensável observar que essa dignidade recuperada não oblitera o fato de que se trata – também – de trabalho não qualificado, mal pago, não reconhecido, e que as mulheres normalmente não têm a opção de escolher fazê-lo ou não. (KERGOAT, 2017, p. 19).

Com isso, ressaltamos a importância de interrogar os tipos de trabalho desenvolvidos pelas mulheres a partir de uma perspectiva de gênero. De modo geral, os benefícios oriundos do trabalho das mulheres são dominados pelos homens, principalmente aqueles decorrentes do trabalho doméstico e de cuidados. No entanto, ao mesmo tempo, esses trabalhos podem

15 As mulheres docentes do ensino técnico e tecnológico acabam publicando menos trabalhos acadêmicos, participando menos de formações, não possuem tempo para realizar parceria com outros profissionais ou instituições etc. Essa condição pode tornar a progressão na carreira mais lenta.

ser um espaço de agência das mulheres a depender do lugar de classe e raça que ocupam nas relações sociais, gerando estabilidade e segurança econômica (KERGOAT, 2017). Por isso, é preciso realizar essa análise das assimetrias com cautela. No caso das professoras do IFSP, o trabalho doméstico e de cuidados no contexto da pandemia aparecem como um impeditivo ao pleno exercício do trabalho profissional, colocando-as em uma posição de inferioridade em relação aos homens que ocupam os mesmos postos.

Cabe destacar que, para uma parte dos homens consultados na pesquisa com docentes do IFSP, o problema mais apresentado nos depoimentos é também relativo à capacidade de concentração na casa, devido a barulhos, conversas, interrupções e demanda aumentada de cuidado com filhos(as) pequenos(as), como afirma um dos professores:

Não possuo ambiente privativo para trabalhar, precisando fazer as atividades junto com o convívio familiar. Como possuo criança pequena em casa, é complicado em relação à atenção, [ao] barulho, [à] exigência da atenção (Professor). (SINASEFE-SP, 2020, p. 27).

No entanto, as ênfases e dificuldades colocadas por cada um dos sexos é bastante diferente. Os homens parecem ter menos problemas com essas questões. Em resumo, tanto para os homens como para as mulheres a conciliação entre trabalho doméstico e remoto é complexa no contexto da pandemia. Há um embaralhamento das fronteiras entre casa e trabalho, tornando ainda mais difícil a construção de um espaço privado de descanso, lazer, convívio familiar etc. Ainda assim, a situação das mulheres é mais penosa. Quase a totalidade das professoras consultadas avaliam a condição de conciliação entre trabalho profissional e doméstico como difícil ou precária.

Observamos que um dos principais problemas apresentados pelas mulheres é a pressão decorrente da percepção que os(as) colegas têm dos(as) docentes que têm filhos, principalmente quando são bebês ou estão ainda na primeira infância (0-6 anos). No contexto do trabalho remoto, essa percepção parece ter se ampliado, os(as) colegas que não têm filhos responsabilizam os(as) demais por não responderem adequadamente às demandas do trabalho remoto. Há também diferentes comparações entre as formas de trabalho remoto e de manutenção do isolamento social. Os(As) docentes que possuem filhos se veem constrangidos(as) diante da impossibilidade

de acompanhar ritmos intensos de trabalho e de serem interrompidos(as) frequentemente pelas crianças pequenas. Além disso, há professores(as) que associam a ausência de respostas imediatas dos(as) colegas à “improdutividade”, “vagabundagem”, “sensação de férias na pandemia”, como fica evidente no depoimento deste professor:

Pressões por produtividade são bem sutis, praticamente indiretas no que se afirma de que estamos a trabalho, não estamos em férias etc. Há uma lógica embutida por produtividade ou comprovação futura do que fizemos durante o isolamento. Mas não são diretas, com todas as letras (Professor). (SINASEFE-SP, 2020, p. 40).

As pressões associadas à sensação de incapacidade têm provocado sofrimento psíquico no(as) docentes, como abordaremos com mais detalhes a seguir.

A pesquisa solicitou aos(às) participantes que apresentassem estimativas sobre a quantidade de horas diárias dedicadas ao trabalho remoto e trabalho doméstico. Considerando os(as) 94 respondentes (homens e mulheres), 34% dedicavam de 3 a 5 horas ao trabalho doméstico e 34% dedicavam entre 5 e 8 horas, compondo a maioria. As mulheres são as que mais dedicavam horas ao trabalho doméstico, 10 docentes afirmaram dedicar mais de 8 horas, o que deve incluir cuidados com crianças e idosos. Esse número se reflete no trabalho remoto: os homens são os que mais dedicam horas a esse tipo de trabalho, ainda que a maioria das mulheres também dedique até 8 horas ao trabalho remoto. Nesse quesito, ficam evidentes as desigualdades entre homens e mulheres que ocupam o mesmo posto de trabalho, como se percebe no depoimento de uma das professoras consultadas:

No meu caso, as atividades domésticas e de cuidado com as crianças se sobrepõem ao trabalho remoto. Pela necessidade de cuidado. As atividades se intercalam no mesmo espaço, numa rotina intensa e desgastante de convívio, tensões e irritações. A impressão que tenho é que não consigo me dedicar a nenhuma dessas atividades de forma satisfatória (Professora). (SINASEFE-SP, 2020, p. 44).

As preocupações dos professores homens são diferentes, embora estes sejam pressionados pela situação imposta no contexto da pandemia, como é possível constatar no depoimento a seguir:

Tenho a sensação de que estou trabalhando muito mais agora do que antes da pandemia, de maneira pejorativa, pois me sinto pressionado a produzir conteúdo de ensino ao invés de escrever artigos, cuidar da minha saúde física e mental, preparar aulas para o próximo semestre e para a reposição (Professor). (SINASEFE-SP, 2020, p. 44).

Considerando que as mulheres são as principais responsáveis pelo trabalho doméstico e que não há uma compensação diante desse desequilíbrio, elas são as mais prejudicadas; afinal, possuem menos tempo para cumprir as metas estabelecidas pela instituição e para se dedicar aos espaços político-administrativos. Elas se desdobram para conciliar os dois tipos de trabalho, de acordo com as palavras de duas docentes consultadas:

Sinto que estou trabalhando mais, pois parece não haver limite de dia ou horário para trabalhar. Muitas vezes, estendo uma reunião on-line após a outra, com atendimentos a alunos e lives. E, ao mesmo tempo, cuidar dos afazeres domésticos e da angústia, das informações e dos temores relativos ao novo coronavírus e à COVID-19, doença por ele provocada (Professora). (SINASEFE-SP, 2020, p. 44).

A rotina tem sido bastante desgastante por conta das tarefas domésticas, cuidados com as crianças e trabalho remoto. Nos revezamos nestas tarefas (eu e meu marido), mas essa divisão é desigual, ficando na minha responsabilidade a maioria das tarefas; quando não, há normalmente um nível de tensão para fazer o almoço, janta ou limpar a casa. No meu caso, são outras mulheres que vêm dividindo comigo essa tarefa em alguns dias para que eu consiga me dedicar ao trabalho (Professora). (SINASEFE-SP, 2020, p. 53).

No processo de embaralhamento das fronteiras entre trabalho profissional e doméstico, a divisão desigual do trabalho entre homens e mulheres se expressa com maior evidência. As mulheres são as que possuem mais dificuldades e foram sobrecarregadas pela impossibilidade de contratar outras mulheres do setor de cuidados para auxiliá-las na pandemia. Os homens, muitas vezes, se eximem do trabalho doméstico e entendem que essa é uma responsabilidade exclusiva das mulheres, como fica evidente no depoimento deste professor:

Minha esposa é professora [...] e está atarefada com as aulas virtuais que o governo de SP iniciou a partir de abril. Desde então, sou cozinheiro, ajudo filho com tarefas e trabalhos remotos da escola e até a faxina tenho que fazer (Professor). (SINASEFE-SP, 2020, p. 45).

O professor entende que está sobrecarregado com atividades que ordinariamente não são dele. A frase “até a faxina tenho que fazer” demonstra

essa não é uma atividade compreendida como essencial para a sobrevivência de homens e mulheres, dever compartilhado pela família. Nessa visão, nota-se que a faxina é considerada uma obrigação “exclusiva da mulher”.

Quando questionados(as) sobre sua situação socioemocional, somente 25 docentes se posicionaram relatando dificuldades enfrentadas no contexto do isolamento social. A maioria demonstra sentir muita incerteza em relação ao futuro, o que causa angústia, estresse, insegurança, cansaço físico e mental. Nesse caso, duas situações diferentes se apresentaram: há docentes que vivenciam situações de vulnerabilidade na família e na comunidade, ao mesmo tempo em há aqueles(as) que percebem, na possibilidade oferecida pela instituição de realizar o isolamento social, uma forma de assegurar a vida e os familiares na casa, como revelam os seguintes depoimentos:

Eu me encontro muito angustiada e apreensiva. Sinto-me pouco acolhida pela instituição e tenho constantemente uma sensação de estar perdida, sem saber que caminho seguir dentro da instituição (Professora). (SINASEFE-SP, 2020, p. 53).

Considero que estou em situação privilegiada, pois moro numa casa grande, com quintal, e isso me permite fazer coisas do lado de fora e, também, há espaço para os meus três filhos. Às vezes, tenho de gerenciar as emoções exaltadas do marido e dos filhos, mas particularmente não me sinto pressionada, estressada (Professora). (SINASEFE-SP, 2020, p. 53).

Observamos que há um grupo de professores(as) que conseguiu se organizar para a realização do isolamento social – muitos(as) solteiros(as) ou casados(as) sem filhos; e há outro grupo, que sofreu intensamente as consequências da falta de condições de trabalho remoto, composto sobretudo por professores(as) com filhos ou que convivem com outros familiares na casa. A tensão vivenciada por esse último grupo tem gerado sofrimento psíquico nos(as) docentes, que relatam situações de estresse, intensificação do conflito com familiares, angústia, dores de cabeça, dores osteomusculares e depressão. O adoecimento no trabalho vem sendo cada vez mais debatido nas Ciências Sociais, como mostra Ricardo Antunes e Luci Praun (2015), principalmente com os processos de flexibilização do trabalho. Houve, também, um aumento do reconhecimento dos acidentes de trabalho e doenças profissionais a partir da resistência dos(as) trabalhadores(as). Esses autores já mostravam naquele momento histórico que o estreitamento entre atividade laboral e espaço da vida privada

causava transtornos aos(as) trabalhadores(as), o que observamos ter se intensificado no contexto da pandemia.

4 Considerações finais

Em 2020, diferentes relatórios de pesquisas sobre o trabalho no contexto da pandemia foram publicados¹⁶. E todos que consultamos apontam para um processo de intensificação e precarização do trabalho de mulheres, principalmente aquelas que estão em trabalho remoto. Além disso, as mulheres foram as mais afetadas pelo desemprego, como mostram as taxas de desocupação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua no terceiro trimestre de 2020 (IBGE, 2020). Observamos que as professoras do IFSP também foram as mais atingidas na instituição pelo embaralhamento das fronteiras entre trabalho doméstico e profissional, principalmente as mães de crianças pequenas. Ademais, não houve nenhuma política de compensação que desse suporte a essas trabalhadoras, o que comprometeu significativamente suas atividades profissionais e gerou insegurança e tensões nas relações familiares.

Nos primeiros momentos, os(as) docentes das instituições escolares, incluindo o IFSP, atuaram na organização da assistência às famílias mais atingidas pela crise sanitária e foram colocados(as) em férias compulsórias, sem poder gozá-las, evidentemente. Mas não demorou para que o trabalho docente fosse considerado essencial e o ensino sistemático adquirisse sua versão “experimental-remota”, o que pode ter consequências decisivas para a educação, como sugere Lalo Minto (2020)¹⁷. O projeto adquiriu uma

16 Pesquisas consultadas: SOF. Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. 2020. – disponível em: <http://mulheresnapandemia.sof.org.br/>; UFSCar-Sorocaba (maio/2020). Condições e dinâmica cotidiana e educativa na Região Metropolitana de Sorocaba durante o afastamento social provocado pelo coronavírus. Sorocaba: UFSCAR-SOROCABA, maio, 2020. – disponível em: <https://www.pgged.ufscar.br/pt-br/arquivos-11/relatorio-de-pesquisa-educacao-e-coronavirus-na-reg-de-sorocaba-ufscar-26-05-2020pdf.pdf>; BRIDI, M. A.; BHLER, F. R.; ZANONI, A. P. Relatório técnico-científico da pesquisa: o trabalho remoto/home office no contexto da pandemia de Covid-19. Curitiba: UFPE, Grupo de Estudos Trabalho e Sociedade, 2020.; GESTRADO/UFMG; CNTE. O trabalho docente em tempos de pandemia. 2020. – disponível em: https://www.cnte.org.br/images/stories/2020/cnte_relatorio_da_pesquisa_covid_gestrado_julho2020.pdf.

17 “A remotização é justificada como imperativo do presente e, ao mesmo tempo, de um processo de modernização, apontado como futuro (desejável). A mistificação se amplia à medida em que tanto no setor privado como em partes do público celebra-se o “sucesso” desse ensino, sem remeter a qualquer questão de fundo e problemas

enorme adesão a despeito de uma produção científica na área da educação que demonstra como o ensino sistemático foi planejado para ser realizado presencialmente, nas instituições escolares, pressupondo processos constantes de socialização, materiais pedagógicos – independentemente da crítica que possamos fazer a esses processos. Docentes, gestores(as), familiares e estudantes foram sendo convencidos(as), pouco a pouco, de que seria possível chamar o “ensino experimental-remoto” de dias letivos ou escolarização obrigatória e que seria necessário naturalizar esses modos de escolarizar como “normais”.

Uma forma de negacionismo científico se instalou na área da educação, e as teorias da aprendizagem “perderam sua validade” ou, pelo menos, parte dos(as) gestores(as) de políticas públicas e estabelecimentos escolares parecerem não se lembrar de sua importância nos Planos Políticos Pedagógicos. Houve uma corrida por comprovação e convencimento da sociedade de que essa era a única saída viável; então, a partir de julho de 2020, observamos surgir um movimento político e jurídico¹⁸ que exigia a volta às aulas em sistema de rodízio ou híbrido (presencial e virtual), especialmente nas escolas privadas. Com isso, exigiu-se a contagem dos meses em atividade virtual como dias letivos realizados. É importante observar que o ensino híbrido não ocorreu imediatamente após o surgimento de movimentos e pressão social. Somente em meados de novembro de 2020 e janeiro de 2021 que observamos a tentativa de retorno presencial, principalmente no ensino médio e fundamental privado, mas ainda de forma bastante parcial e temerosa, visto que isso tem significado o aumento da contaminação na comunidade escolar¹⁹. No caso do IFSP, os(as) professores(as) se mostraram bastante críticos(as) à possibilidade de retomada do calendário letivo em formato remoto e das aulas presenciais; mas, não há consenso entre os(as) docentes. O debate tem gerado muitas tensões.

como desigualdade de acesso e qualidade formativa, mas apenas à forma (número de atendidos, quantos acessos foram feitos, quantidade de redes e escolas que adotaram “alguma alternativa” etc.)” (MINTO, 2020. [s. p.]).

18 Ver mais detalhes em Movimento Escolas Abertas, disponível em: <https://www.escolasabertas.com.br/>.

19 No início do mês de fevereiro de 2021, momento de finalização desse texto, ocorreu o retorno às aulas presenciais em escolas públicas e privadas, a maioria em sistema híbrido; no entanto, já nos primeiros dias, o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial de São Paulo (APEOESP) denunciava o aumento de casos de contaminação entre professores(as), funcionários(as) e estudantes das escolas, conforme se verifica em: <http://www.apeoesp.org.br/d/sistema/publicacoes/2888/arquivo/casos-covid-6-10.pdf>.

Observamos que, no contexto da pandemia de Covid-19, os(as) professores(as) do IFSP foram impelidos(as) a continuar trabalhando por meio do computador, celular, internet, cumprindo suas jornadas integrais com aulas e atividades extracurriculares, além de reuniões pedagógicas, administrativas e atendimento individual. O trabalho docente não parou na pandemia; foi considerado um serviço essencial a ser oferecido remotamente, a despeito das condições de vida de professores(as) e estudantes, o que precarizou as condições de trabalho e ensino no IFSP.

É importante ressaltar que os dados trabalhados nessa análise se referem apenas ao início da pandemia de Covid-19 (março a julho de 2020), antes da retomada do calendário letivo no IFSP. Uma nova pesquisa foi realizada pelo SINASEFE-SP, cuja publicação está prevista para o primeiro semestre de 2021; assim, a análise apresentada anteriormente tem limites contextuais. O trabalho docente vem se transformando rapidamente no decorrer da pandemia de Covid-19; por isso, é necessário seguir pesquisando e atualizando seus desdobramentos.

Referências

ANTUNES, R.; PRAUN, L. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. 123, p. 407-27, 2015.

BRASIL. MEC. Instituto Nacional de Estudos E Pesquisas Educacionais (INEP). Sinopse Estatística da Educação Superior 2018. [online]. Brasília: INEP, 2018. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/censo_da_educacao_superior_2018-notas_estatisticas.pdf. Acesso em: 10 fev. 2021. CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR, 2018.

FALQUET, J. Transformações neoliberais do trabalho de mulheres: liberação ou novas formas de apropriação? *In*: DE PAIVA ABREU, A. R.; HIRATA, H.; LOMBARDI, M. R. **Gênero e trabalho no Brasil e na França**: Perspectivas interseccionais. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017. p. 37-46?

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, D. Trabalho doméstico. *In*: HIRATA, H.; LABORIE, F.; LE DOARÉ, H.; SENOTIER, D. (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 256-262.

GUIMARÃES, N. A.; BRITO, M. M. A. Mercantilização no feminino: a visibilidade do trabalho das mulheres no Brasil. *In*: DE PAIVA ABREU, A. R.; HIRATA, H.; LOMBARDI, M. R. **Gênero e trabalho no Brasil e na França**: Perspectivas interseccionais. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017. p.71-82.

In:

HIRATA, H.; KERGOAT, D. **Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico**: Brasil, França, Japão. Mercado de trabalho e gênero – comparações internacionais. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2008. p. 263-178.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas>. Acesso em: 25 fev. 2021.

KERGOAT, D. **Se battre, disent-elles**. Paris: Dispute (La), 2012.

KERGOAT, D. O cuidado e as imbricações das relações sociais. *In*: DE PAIVA ABREU, A. R.; HIRATA, H.; LOMBARDI, M. R. **Gênero e trabalho no Brasil e na França**: Perspectivas interseccionais. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017. p.217-26.

LINHART, D. 2007.

MINTO, L. W. Ensino remoto: presente e futuro em disputa. **Universidade à Esquerda**, 21 out. 2020. Disponível em: <https://universidadeaesquerda.com.br/coluna/ensino-remoto-presente-e-futuro-em-disputa/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). 11ª Classificação Internacional de Doenças (CID), 2021. Disponível em: <https://www.who.int/classifications/classification-of-diseases>. Acesso em: 10 fev. 2021.

SINDICATO NACIONAL DE SERVIDORES FEDERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA, PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (SINASEFE-SP). **Relatório de pesquisa**. São Paulo: SINASEFE-SP, 2020. Disponível em: <https://sinasefesp.org.br/respondaoquestionario-segunda-etapa-da-pesquisa-condicoes-de-trabalho-no-ifsp-em-tempos-de-covid-19/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SISTEMA UNIFICADO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (SUAP). 2020. Disponível em: <https://suap.ifsp.edu.br/accounts/login/?next=/>. Acesso em: 10 set. 2020.

Recebido em 20/02/2021
Aceito em 17/08/2021
Versão final em 14/01/2022

Teaching work at the Federal Institute of São Paulo in the context of the Covid-19 pandemic.

Abstract

In this paper we present an analysis of the organization and conditions of teaching work at the Federal Institute of São Paulo during the first moment of the Covid-19 pandemic (march-july 2020). For that, we used the data collected through a questionnaire and systematized in the research report on the work at IFSP, produced by SINASEFE-SP. We observed that even before the resumption of the school calendar by the institution, the teachers already signaled that they did not have the appropriate conditions for carrying out their work; that instruments and ergonomics were missing; that the pandemic caused a confusion between professional and domestic activities; that intensified and extended the work; and that has caused psychological suffering. Women were most affected by this process. The data reveal that the working conditions of teachers in the context of the pandemic are very precarious, which has affected the quality of work and teaching, demonstrating the limits of remote work.

Keywords: Work and education. Teaching work. Covid-19 pandemic.